

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

FEIJÃO 1ª SAFRA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

1ª Safra 2020/21 (safra das águas)

Com o retorno das chuvas nos últimos dias de setembro, os produtores rurais aproveitaram para dar continuidade ao plantio do feijão das águas. Até a última semana de setembro, 35% da área estavam semeadas pelos agricultores. Na primeira semana de outubro, com as condições de solo favoráveis, ocorreu um aumento significativo chegando a 55% da área plantada.

A estimativa da área produtiva na safra é de 148,9 mil hectares, 2% menor que no ciclo anterior. A expectativa do setor é alcançar, no final da safra, um volume em torno de 300,6 mil toneladas, 5% menor que no ano passado, com uma produtividade de 2.004 kg/ha ou 33 sc/ha.

O preço médio recebido pelos agricultores em setembro foi de R\$ 252,88 a saca de 60 kg para o feijão classe cores, aumento de 31% com relação ao mês anterior, e para o feijão classe preto o valor foi de R\$ 240,13, acréscimo de 7% comparado a agosto/20.

Conjuntura Nacional

De acordo com a Conab, o atual quadro de baixa oferta, cada vez mais enxuta, deverá continuar, dando sustentação às cotações até meados de dezembro, quando começa a entrar no mercado, com maior intensidade, a mercadoria da safra 2020/2021, procedente dos estados do Paraná e São Paulo.

A nova safra começou a ser plantada com a incógnita de como o fenômeno climático “La Niña” irá influir no seu decorrer. As previsões são de

chuvas abaixo do normal no Sul do país no decorrer da 1ª safra, podendo, desta forma, contribuir para uma colheita de melhor qualidade. No entanto, há também risco de estiagens prolongadas. Os preços devem continuar aquecidos, vez que as colheitas em curso não estão sendo suficientes para atender a contento a demanda.

FRUTICULTURA- PERA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

A pera é a undécima fruta produzida no mundo, tendo sido colhidas 23,7 milhões de toneladas em 1,4 milhão de hectares em 2018 (2,7% de 867,2 milhões – FAOSTAT). A China concentra 68,2% deste volume; Estados Unidos, Itália, Argentina e Turquia respondem por 3,1%, 3,0%, 2,4% e 2,2%, respectivamente.

Nas exportações e importações globais é a décima fruta em importância, participando com 3,1% dos US\$ 79,9 bilhões das trocas da fruticultura em 2017.

No Brasil, a pera é cultivada em 1,3 mil hectares e foi a vigésima primeira fruta em volumes colhidos (19,8 mil de toneladas) e em Valor Bruto da Produção – VBP da fruticultura nacional (R\$ 38,0 milhões), levantadas pelo IBGE em 2018. (FRUTI/BR: 2,3 milhões de ha; 40,9 milhões de t. e R\$ 33,5 bilhões - IBGE).

Rio Grande do Sul (53,0%), Santa Catarina (34,6%), Paraná (8,1%), São Paulo (3,0%) e Minas Gerais (1,3%) concentram a totalidade das colheitas. Somente o município rio-grandense de Caxias do Sul responde por 23,3% da produção nacional.

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

A pera representou 30,9% das quantidades adquiridas e 19,0% das importações brasileiras de frutas em 2019, isto é, importamos 153,5 mil toneladas a valores de US\$ 125,9 milhões, frente a 497,0 mil toneladas e US\$ 662,1 milhões totais. É a fruta líder nas compras externas, com 63,9% provenientes da Argentina e 27,3% de Portugal (AGROSTAT/MAPA)

O Paraná é o terceiro produtor nacional, com área colhida em 2019 de 138,0 hectares, produção de 2,3 mil toneladas e VBP de R\$ 4,2 milhões. Nos últimos dez anos, houve uma redução significativa de 45,0% na área e 42,6% nas colheitas.

Mais da metade da produção estadual está concentrada em Araucária (42,4%) e na Lapa (11,1%), e o restante distribuído em 75 municípios do Estado.

Nas unidades da Ceasa/PR foram comercializadas 4,8 mil toneladas de peras no ano passado, provenientes principalmente da Argentina (61,0%) e do Uruguai (7,0%), a um preço médio de R\$ 5,38/quilo. As peras paranaenses participaram com 8,0% destes volumes.

ARROZ

Administrador Edmar W. Gervásio

Economista Methodio Groxko

A produção de arroz no mundo gira em torno de 745 milhões de toneladas (USDA, 2020), enquanto a produção brasileira é de 11,1 milhões de toneladas. O Paraná, por sua vez, tem uma produção modesta, em torno de 150 mil toneladas.

O maior produtor deste cereal no Brasil é o Rio Grande do Sul com produção estimada de 7,9 milhões de toneladas, representando mais de 70% da produção brasileira. Segundo a ABIARROZ o brasileiro consome em média 34 kg de arroz ao ano, sendo um dos principais produtos que compõem a alimentação básica no país.

Diante de um cenário interno de preços elevados no segundo semestre de 2020, observou-se em setembro uma alta significativa das importações que devem ajudar minimamente a regular o preço interno. As importações de arroz impactaram a balança comercial em 47 milhões de dólares, um valor 125% superior a setembro de 2020. Entretanto, no acumulado do ano, o valor das importações de arroz foi somente 3% maior que o mesmo período de 2019 (jan a set).

Já as exportações continuaram fortes entre janeiro e setembro de 2020. O valor obtido foi de 428,6 milhões de dólares, 71% maior que no mesmo período do ano anterior. Em setembro deste ano, observou-se uma alta em torno de 62% no arroz tipo 1, pacote de 5 kg no varejo, quando comparado ao mesmo período de 2019. No ano de 2020 (jan a set), em comparação com 2019 (jan a dez), a alta média é de 17%

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

A colheita dificultada pela longa estiagem, a proximidade de entressafra e a necessidade de reposição dos estoques de final de ano provocaram uma acirrada disputa pela matéria-prima entre as indústrias de fécula e de farinha.

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

Diante desta situação, a produção industrial ficou reduzida a um volume entre 30% e 40% da capacidade instalada, segundo o CEPEA, iniciando forte reação dos preços em todos os segmentos da comercialização.

A mandioca e seus derivados vinham registrando valores muito baixos até o final de agosto, comparativamente aos demais produtos agrícolas como arroz, milho, feijão e soja.

Em setembro, a falta de chuva ficou ainda mais acentuada, o que limitou o arranquio, reduziu a oferta de mandioca para as indústrias e aumentou expressivamente a ociosidade.

Em setembro e início de outubro, a procura pela fécula aumentou, principalmente pelas indústrias alimentícias e de papel e papelão. Com a demanda pela fécula aquecida e a produção industrial reduzida, os preços apresentaram uma expressiva subida nas últimas semanas.

No período de 28 de setembro a 2 de outubro, o produtor recebeu em média R\$ 458,00/t de mandioca posta na indústria, valor que representa um aumento de 34% comparativamente à média registrada em agosto, que foi de R\$ 341,00 a tonelada. A fécula no atacado registrou, nessa semana, R\$ 68,30/sc de 25 kg, contra R\$ 53,40/sc de 25 kg em agosto, o equivalente a 28% de aumento.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

As condições climáticas não favoráveis estão fazendo com que o plantio da primeira safra de milho 2020/21 seja realizado de forma mais lenta no Estado. Até esta semana, foram plantados 65% de uma área total de 360 mil hectares, que devem produzir em torno de 3,4 milhões de toneladas.

No geral, as condições de lavouras são boas para 84% da área plantada, com 15% em condições medianas.

Já o cenário para a segunda safra de milho 2020/21, que deve iniciar o plantio em janeiro de 2021, apresenta certo grau de incerteza. O atraso no plantio da safra de soja, e conseqüentemente da sua colheita, pode levar a um atraso e concentração do plantio do milho e aumento dos riscos climáticos ou, em uma situação mais aguda, a impossibilidade do plantio dentro do período ideal. Entretanto, o momento agora é de atenção; estima-se que os impactos são pontuais e ainda é possível ajustar.

No cenário mercadológico, os preços do cereal seguem firmes e atingindo semana após semana novos recordes: na semana passada, a saca de 60 kg foi negociada em torno de R\$ 53,00 (preço recebido pelo produtor)

As exportações de milho do Brasil contribuíram, em setembro, com 1,1 bilhão de dólares, sendo o quarto item mais exportado do mês. No acumulado do ano (jan a set), o milho gerou uma receita de 3,3 bilhões de dólares, tendo participação de 2,1% do total de exportações brasileiras, que foi de 156,5 bilhões de dólares no período.

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Trabalhos de plantio seguem atrasados

A estiagem que continua a afetar todo o Paraná ainda dificulta os trabalhos de semeadura da safra 2020/21. Segundo as informações levantadas pelos técnicos de campo do Deral, até o início desta semana haviam sido semeados aproximadamente 430 mil hectares, ou cerca de 8% da área de 5,54 milhões de hectares estimada para esta safra.

No mesmo período do ano de 2019, os produtores paranaenses haviam plantado cerca de 1,2 milhão de hectares, o que equivalia à época a 22% da área estimada para aquela safra. Na média das últimas três safras, a área semeada era de 25%, ou aproximadamente 1,38 milhão de hectares. Em termos de comparação, somente no plantio da safra 2010/11, portanto dez anos atrás, é que se tinha semeada uma área menor (142 mil hectares) para este período do ano.

Com as chuvas ocorridas no decorrer desta semana, os produtores paranaenses devem acelerar os trabalhos de plantio. Não somente a questão da produtividade da safra atual de soja preocupa, mas também a janela de plantio do milho 2ª safra, que este ano será menor devido aos atrasos no plantio da soja.

Produção Nacional

A Conab - Companhia Nacional de Abastecimento – divulgou nesta semana o primeiro levantamento para a safra 2020/21 de soja. Segundo a pesquisa, serão produzidas 133,67

milhões de toneladas da oleaginosa. Esse volume representa um acréscimo de 7,1% em comparação com a safra anterior. Em relação à área semeada, o aumento será de 2,5%, resultando em uma extensão de 37,8 milhões de hectares a ser semeada.

Os maiores estados produtores serão Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul. Juntos serão responsáveis por aproximadamente 57% da produção nacional.

BATATA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Cenário Mundial

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a estimativa da produção mundial de batata (*Solanum tuberosum*) em 2018 foi de 368 milhões de toneladas. A produção do tubérculo está distribuída em 157 países, responsáveis pelo abastecimento do mercado mundial. O Brasil é um tradicional produtor e, no mesmo período, a produção foi de 3,6 milhões de toneladas, 21º lugar no ranking mundial. Os cinco maiores produtores são China, Índia, Ucrânia, Rússia e Estados Unidos, responsáveis por 55% do total mundial produzido.

Cenário Nacional

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção comercial do tubérculo está distribuída em 11 (onze) unidades da federação, e a estimativa da produção brasileira é de 3,7 milhões de toneladas. Os quatro maiores estados produtores são Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. Eles

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

respondem por cerca de 83% do total nacional. O Paraná se encontra em segundo no ranking nacional, com 748 mil toneladas, ou 20% do total produzido.

Cenário Estadual

Conforme o Valor Bruto de Produção de 2018, divulgado pelo DERAL, a batata foi o principal produto na olericultura paranaense. No período, a área cultivada foi de aproximadamente 30 mil hectares, com um volume produzido de 839 mil toneladas, o que gerou um valor de R\$ 668 milhões.

Duas safras são cultivadas no Paraná. A primeira é conhecida como a safra das águas, plantada no período de agosto a dezembro. A segunda, chamada de safra da seca, é semeada nos meses de dezembro a maio. O ciclo 2019/20, que já foi encerrado, apresentou uma área total, contando ambas as safras, de aproximadamente 28 mil hectares, e um volume total de 762 mil toneladas. O rendimento da primeira safra foi de 30 toneladas por hectare, contra 26 toneladas da segunda. A primeira safra 2020/21 está sendo cultivada, com área destinada de 16 mil hectares e produção estimada de até 480 mil toneladas. Cerca de 88% da área total já está semeada.

PECUÁRIA DE CORTE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Acréscimo nas Exportações

As exportações brasileiras de carne bovina continuam se elevando. No acumulado de janeiro a agosto (2020), as vendas totais do produto para fora do país cresceram 23% em receita e 11% em volumes. Este ano (janeiro a agosto), foi registrado

um movimento de 1.150.832 toneladas exportadas, contra 1.292.431 registradas no mesmo período de 2019. Em relação à receita, o salto foi de US\$ 4,4 bilhões para 5,4 bilhões no mesmo período (janeiro a agosto).

Principais Países Importadores

O principal comprador da nossa carne bovina continua sendo a China. De janeiro a agosto de 2020, o país, através do continente e da cidade estado de Hong-Kong, comprou do Brasil 529.975 toneladas de carne bovina, o que representou um crescimento de 145% em relação a igual período do ano passado (2019), quando o volume adquirido foi de 215.943 toneladas.

Levando em consideração os valores, este ano, em igual período, foi 138% maior do que no ano passado, subindo de US\$ 1,06 bilhões para US\$ 2,52 bilhões a receita gerada.

O Egito foi o segundo maior importador da nossa carne, ficando o terceiro lugar com o Chile, o quarto com a Rússia e o quinto lugar com os Estados Unidos, países que, além da China, também vem se consolidando como importantes compradores da nossa carne bovina, cenário de extrema importância para a valorização do produto, manutenção dos preços aos produtores internamente e geração de divisas ao nosso país.

APICULTURA

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

A apicultura no Censo Agropecuário 2017

De acordo com o IBGE (Censo Agropecuário 2017), no ano do levantamento existiam 101.797 apicultores no Brasil, detendo 2,159 milhões de colmeias, resultando em 21,2 colmeias por apicultor, uma produção total de mel de 31.230 toneladas e uma produtividade de 14,47 kg de mel/colmeia.

No Paraná, 2º produtor nacional de mel, tais números são os seguintes: nº de apicultores (12.470), nº de colmeias (260.851), nº de colmeias por apicultor (20,92), produção total de mel (3.740 toneladas) e produtividade (14,34 kg/colmeia).

Por tal levantamento, o principal estado produtor de mel do país é o Rio Grande do Sul com: nº de apicultores (37.189), nº de colmeias (486.858), nº de colmeias por apicultor (13,09), produção total de mel (5.693 toneladas) e produtividade (14,69 kg/colmeia).

Como é bom sempre lembrar, a apicultura caracteriza-se pela exploração econômica e racional da abelha do gênero *Apis* e espécie *Apis mellifera*.

É uma atividade de reconhecida importância na geração de emprego e renda, fator de diversificação da propriedade rural e proporciona benefícios sociais, econômicos e ecológicos - ambientais. Ou seja, a apicultura é considerada uma atividade socialmente justa, ambientalmente correta e economicamente viável.

Paraná é o segundo maior produtor de mel do país

Segundo o IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), a produção nacional de mel em 2018 foi de 42.346 toneladas, 1,56% maior que a produção total de 2017 (41.696 toneladas).

O valor da produção nacional foi de R\$ 502,842 milhões, enquanto que da produção paranaense foi de R\$ 84,010 milhões (16,7% da nacional). Como se pode ver, a atividade apícola tem importância significativa na economia agrícola nacional, dos estados e municípios, mas atualmente tem sofrido com as adversidades como desmatamentos e poluição ambiental e com doenças que, vira e mexe, atinge um ou outro apiário.

Pelos números do IBGE (PPM-2018), a produção paranaense de mel foi de 6.294 toneladas (aumento de 5,6% sobre o ano / safra de 2017, cuja produção total atingiu 5.963 toneladas). Esse volume de produção mantém o Estado no segundo lugar do ranking nacional, já que o Rio Grande do Sul, que tradicionalmente é o primeiro produtor nacional de mel, atingiu o total de 6.428 toneladas.

Por todo o território brasileiro desenvolve-se a exploração econômica e racional da abelha do gênero *Apis* e espécie *Apis mellifera*. Em 2019, o Brasil exportou 30.039 toneladas de mel, gerando receita cambial de US\$ 68,384 milhões, número maior em volume (+ 5,31%) e menor em receita cambial (-28,32%), comparativamente a igual período de 2018 (volume: 28.524 toneladas e receita cambial: US\$ 95,407 milhões).

O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 2.276,50/tonelada - US\$ 2,28/Kg, 25,49% a

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

menos que o valor médio de igual período do ano de 2018 (US\$ 3.060,62/tonelada - US\$ 3,06/Kg).

No ano de 2019, os principais estados exportadores (volume) foram: 1º - Santa Catarina (US\$ 19,260 milhões, 8.123 toneladas e US\$ 2,37/kg); 2º - Paraná (US\$ 16,657 milhões, 7.935 toneladas e US\$ 2,10/kg); e 3º - São Paulo (US\$ 10.277 milhões, 4.253 toneladas e US\$ 2,42/kg).

O principal destino para o mel brasileiro (80,48% de todo volume exportado em 2019) foi, mais uma vez, os Estados Unidos da América - EUA (volume de 24.176 toneladas, receita cambial de US\$ 54,213 milhões e preço médio de US\$ 2,24/kg).

Na condição de outros destinos do mel brasileiro, a seguir vem a Alemanha com volume de 1.864 toneladas, valor de US\$ 4,765 milhões e preço médio de US\$ 2,56/kg, e, depois, o Canadá, com volume de 1.260 toneladas, valor de US\$ 3,001 milhões e preço médio: US\$ 2,38/kg

OVOS

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Preços ao Produtor

+ 4,2% no mês: De agosto para setembro, o preço do ovo tipo grande recuperou-se em 4,2% (R\$ 85,24/caixa 30 dúzias para R\$ 88,66/caixa 30 dúzias).

+ 11,2% no ano: De janeiro a setembro de 2020, o preço do ovo tipo grande cresceu 11,2%, saindo de R\$ 79,88/30 dúzias e chegando a R\$ 88,86/caixa 30 dúzias.

+ 8,7% desde setembro de 2019: Considerando setembro de 2019 (R\$ 81,74/caixa 30 dúzias) a setembro de 2020, o preço do ovo tipo grande elevou-se 8,7% (R\$ 88,86/caixa de 30 dúzias).

Preços no Atacado

+ 7,1% no mês: De janeiro (R\$ 82,32/ caixa 30 dúzias) a setembro de 2020 (R\$ 88,18 / caixa 30 dúzias), o preço do ovo tipo grande esteve maior em 7,1%.

- 1,7% no ano: De agosto para setembro, o que se viu foi queda de 1,7%, o preço caindo de R\$ 89,66/caixa de 30 dúzias para R\$ 88,18/caixa de 30 dúzias.

+ 7,2% desde setembro de 2019: Considerando setembro de 2020 em relação a igual mês de 2019, o preço ainda está maior em 7,2% (R\$ 82,25 para R\$ 88,186/caixa 30 dúzias).

Preços no Varejo

- 2% no mês: De agosto para setembro, houve queda de 2% (agosto: R\$ 5,03/dúzia e setembro: R\$ 4,93/dúzia), devido a maior oferta de ovos, menos canais de comercialização / consumo e depressão do poder aquisitivo do consumidor.

- 1,8% no ano: De janeiro a setembro de 2020, o preço da dúzia de ovos tipo grande caiu 1,8%, partindo de R\$ 5,02/dúzia e chegando a R\$ 4,93/dúzia (setembro).

+ 2,3% desde setembro de 2019: Em relação a setembro de 2019 (R\$ 4,82/dúzia), o preço cresceu 2,3%.

Referência: SEAB/DERAL/DEB - Paraná

Boletim Semanal* – 23/2020 – 09 de outubro de 2020

Relação de troca: ovos x milho e farelo de soja ainda desfavoráveis ao avicultor

O aumento dos custos de produção, pressionados pelo aumento dos insumos utilizados na alimentação das aves, especialmente o milho e o farelo de soja, comprimem as margens de lucratividade do produtor de ovos.

No Paraná, de agosto para setembro, a saca de milho (60 kg, no atacado), obteve alta de 9,1% e expressivos 64,7% em relação a setembro de 2019. Quando se considera a tonelada do farelo de soja, a alta foi de 13,0% sobre o mês de agosto e de 64,4% sobre setembro do ano passado.

Com a valorização dos preços de tais matérias-primas utilizadas na alimentação das aves e os atuais preços recebidos pelos avicultores na venda de ovos, a relação de troca entre os produtos tem sido desfavorável em relação a igual período de 2019.

Em setembro de 2020, os avicultores necessitaram de 10,5 caixas de ovos de 30 dúzias para adquirir uma tonelada de milho, 3,6 caixas a mais que há um ano, quando a relação de troca estava em 6,9 (44,9% maior). Já no tocante à tonelada do farelo de soja, tal relação em setembro de 2020 está 51,2% maior (setembro/2020: 24,8 e setembro/2019: 16,4).

Ovos e Gemas: exportações menores em 2020

Segundo o Agrostat Brasil/MAPA, o Brasil exportou, de janeiro a agosto de 2020, 8.812 toneladas de ovos, valor 44,8% menor que o total exportado em igual período de 2019 (15.976 toneladas), obtendo um faturamento de: 2019: US\$ 51,302 milhões e 2020: US\$ 30,710 milhões (queda de 40,1%).

Os itens que compõem o “complexo ovos” são os ovos férteis destinados à incubação, os ovos frescos com casca, ovos cozidos e secos, gemas frescas e cozidas e ovoalbumina. Os itens mais representativos são os ovos férteis destinados à incubação e os ovos frescos com casca.

No Paraná também ocorreu queda tanto em volume (- 24,9%) como em faturamento (- 20,2%), sendo que os números foram: 2019 (volume: 4.235 toneladas / faturamento: US\$ 14,454 milhões) e 2020 (volume: 3.181 toneladas / faturamento: US\$ 11,528 milhões).

Os outros principais estados exportadores em 2020 foram: São Paulo (volume: 3.137 toneladas / faturamento: US\$ 14,528 milhões) e Rio Grande do Sul (volume: 1.173 toneladas / faturamento: US\$ 2,380 milhões).

Já os principais destinos de ovos e gemas brasileiros foram: 1º - Senegal (volume: 3.014 toneladas / faturamento: US\$ 10,475 milhões), 2º - Paraguai (volume: 1.570 toneladas / faturamento: US\$ 5,393 milhões), 3º - Emirados Árabes Unidos (volume: 1.034 toneladas / faturamento: US\$ 1,324 milhões), 4º - Arábia Saudita (volume: 593 toneladas / faturamento: US\$ 1,650 milhões), e 5º - México (volume: 556 toneladas / faturamento: US\$ 2,230 milhões).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

<https://www.instagram.com/deralseabpr>

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!